

Ensinar história regional e local no ensino médio: experiências e desafios*

*Elison Antonio Paim***

*Vanessa Picolli****

RESUMO

Este artigo pauta-se em pesquisa que buscou como os professores de História do Ensino Médio trabalham com seus alunos as problemáticas regionais e locais. Fundamentamo-nos nas prescrições da Proposta Curricular da Secretaria Estadual de Educação do Estado de Santa Catarina e nos Planos Curriculares Nacionais - PCNS para o ensino de História, as quais defendem a necessidade de ensinar História Local e Regional. A metodologia que utilizamos para coleta de dados foi baseada nos procedimentos da História Oral, trabalhamos com depoimentos de professores de História. As experiências realizadas com o ensino de História regional e local no município de Chapecó na interpretação dos professores demonstra que os trabalhos realizados nas escolas enfocando o local e o regional conseguem instigar a curiosidade dos alunos e levá-los a questionamentos sobre seu papel no contexto histórico em que vivem.

Palavras-chave: História Local, História Regional, Ensino de História

Introdução

No Estado de Santa Catarina a Secretaria Estadual de Educação construiu uma Proposta Curricular que apresenta sugestões de trabalho para cada disciplina escolar. Em História sugerem que sejam enfatizadas as questões locais e regionais como ponto de partida para a organização dos conteúdos. Os PCNs também enfatizam a necessidade de trabalhar com as questões locais e regionais. Na rede pública estadual de Santa Catarina, no Ensino Médio, existe a possibilidade das escolas incluírem em suas Matrizes Curriculares uma parte

* Pesquisa financiada pelo artigo 170 da Constituição do Estado de Santa Catarina na UNOCHAPECÓ.

** Doutor em Educação pela UNICAMP - Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina – CEOM – professor de Metodologia do Ensino de História – Universidade Comunitária Regional de Chapecó – UNOCHAPECÓ.

*** Licenciada em História pela UNOCHAPECÓ – Mestranda em Educação na Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC – Florianópolis.

diversificada de disciplinas, muitas escolas da região Oeste deste estado criou uma disciplina de História Regional ou em alguma disciplina estão inclusos os Estudos Regionais.

Os professores de História foram sendo chamados, em suas aulas, a incluir questões referentes a história da região ou mesmo aspectos da história do município em que vivem. Assim, nas aulas da graduação em História da Unochapecó começaram a surgir alguns questionamentos a respeito da possibilidade em ensinar História Regional. O que é ensinado nestas Disciplinas ou conteúdos? Qual é a reação do aluno diante desta forma de estudo? Que materiais didáticos são usados para expor tais assuntos? Teria esta história regional ensinada nas escolas alguma ligação com o que é produzido no meio acadêmico?

Estes questionamentos levaram-nos às escolas para investigar o que os professores de História da rede pública e particular de Chapecó estavam trabalhando com seus alunos no tocante ao estudo da História Regional e Local. Buscamos identificar quais eram suas justificativas para a inclusão dessas questões em suas aulas e também que dificuldades encontraram ao inserir o ensino do Local e do Regional em seus Planos de Ensino e atividades.

O principal instrumento de coleta de informações foram depoimentos orais gravados, com questões chaves. Os depoentes tiveram total liberdade para expressarem-se a respeito daquilo que julgaram necessário para a pesquisa. Após a coleta gravada dos depoimentos, realizamos a transcrição e textualização, para posterior análise, confronto com outras fontes e referencial teórico e finalmente, a escrita do texto.

Quanto à amostra, selecionamos cinco depoentes que procurando expressar as diversas condições de trabalho, ou seja, escolas públicas municipais, estaduais e privadas do município de Chapecó.

Os professores selecionados para as entrevistas possuem formações acadêmicas diferenciadas - Estudos Sociais, História - cada qual de acordo com as regras políticas do período em que cursou sua graduação, o que levou a perceber distintas maneiras de ensinar.

Portanto, este artigo pretende mostrar um pouco do que é ou de como se constitui o ensino de História regional e local nas escolas de Chapecó. São apresentadas aqui algumas experiências desenvolvidas pelos professores e

também certas críticas ou dificuldades que estes encontraram para desenvolver tais temáticas em sala de aula e fora dela.

Não temos o intuito, afirmar que todo o ensino de História desenvolve-se desta maneira; menos ainda afirmar que estas experiências ocorrem em todas as escolas de Chapecó. Nossa pretensão é, enfim, mostrar como se deram algumas experiências de trabalho com a História Regional e Local no Ensino Médio em Chapecó destacando a importância da inserção desta temática, relacionada sempre ao contexto histórico global nas aulas de história.

Aspectos da história recente do ensino de história

Dentro de um quadro de tentativas e fracassos, avanços e recuos, imposições e resistências, o ensino de História no Brasil apresenta uma trajetória bastante agitada e cheia de contradições. Trata-se de uma disciplina que passou por muitas mudanças até ganhar as formas atuais. As diversas Propostas Curriculares construídas a partir dos anos 1980 e as inúmeras tentativas de se camuflar a História como outras disciplinas são exemplos do caminho que esta área do conhecimento vem fazendo em nosso país.

Em 1964, um golpe militar abortou todas as iniciativas de se revolucionar a educação brasileira, sob o pretexto de que as propostas eram “comunizantes e subversivas”. Daí a ação do governo militar em fechar as portas de muitas escolas. O aumento e o favorecimento dos estudos do meio passaram a ser considerados “amotinados”. No entanto, após 1968, o ensino de História passou a afirmar sua importância como instrumento de dominação, afinal, é capaz de uma intervenção direta no social através do trabalho com a memória coletiva.

No período mais cruel da ditadura militar foi instituída a Lei 4.024, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em 1971. A característica mais marcante desta Lei foi tentar dar a formação educacional um cunho profissionalizante. Planejava-se fazer com que a educação contribuísse, de forma decisiva, para o aumento da produção brasileira.

É sabido que a transmissão de valores morais e cívicos sempre esteve presente na educação brasileira, no entanto, sua intensidade e importância não foram sempre iguais, variando conforme o contexto sócio-político e as forças dominantes. Para controlar e revigorar a educação Moral e Cívica no Brasil foi criada, através do

decreto 68.065 de 14 de janeiro de 1971, a Comissão Nacional de Moral e Civismo, um grupo de pessoas escolhidas pelo presidente da República. Esta não se tratou

de mais uma simples disciplina do currículo escolar e sim de uma doutrina cuja propagação é controlada pelo Estado. Sem dúvida os superpoderes da Comissão Nacional evidenciam o papel moralizador e ideológico sendo estendido às diversas instituições sociais (FONSECA, 1994, p.37).

A dedicação especial ao ensino de Moral e Cívica cumpria a tarefa de eliminar as divergências e tornar hegemônico o poder dos grupos dominantes representados pelos militares. Mas essa doutrina moralizadora e disciplinadora acabou por gerar resistências. Os professores que tinham a tarefa de comandar essas disciplinas eram os licenciados em História, Filosofia, Geografia, Pedagogia e Ciências Sociais, pois os professores “preparados” ainda não estavam à disposição do mercado.

Ao definir as metas do ensino de Estudos Sociais no lugar de História e Geografia, o Conselho tenta reduzir os propósitos do ensino destes dois campos do conhecimento ao ideário que norteava a cruzada cívica dentro das escolas. [...] Os valores da ordem e da conservação na perspectiva do desenvolvimento estão presentes. Mas como formar alunos nessa perspectiva? Como operar a redução da História e da Geografia a este nível? (FONSECA, 1994, p.42).

Assim, tentou-se assegurar o mínimo de conteúdos dentro de cada matéria. Afinal, os conteúdos que formam os denominados Estudos Sociais foram bastante generalizantes. E, as especificidades da História quase desapareceram, pois era justamente esta a intenção daqueles que detinham o poder, destruir o ensino de História como possibilidade de reflexão, colocando em seu lugar um conjunto de conteúdos que visava o controle da população.

Com a derrubada da ditadura e redemocratização a década de 1980 foi marcada por grandes mudanças sociais e tecnológicas. Em meio a isso, percebe-se a necessidade de se repensar o ensino e, especialmente a questão dos Estudos Sociais. Os historiadores voltaram seus olhares para um campo mais cultural, mais social, sugerindo assim possibilidades de rever o ensino escolar. Assim,

os métodos tradicionais de ensino têm sido questionados com maior ênfase. Os livros didáticos, difundidos amplamente, e enraizados nas práticas escolares, passam a ser questionados em relação aos conteúdos e ideologias [...]. Dessa forma o ensino de história atualmente está em processo de mudanças substantivas em seu conteúdo e método. (PCN, 1997, p.30).

As mudanças ocorridas no sistema de ensino a partir de 1980 não dizem respeito somente ao nosso país, vários outros países fizeram reformas em seus sistemas de educação. Em relação ao Brasil, essas mudanças levaram a uma reforma nos currículos. Tal mudança, trouxe ao sistema de ensino brasileiro uma proposta mais social, voltada ao atendimento das camadas populares e que tinha a intenção de ampliar a participação social no processo democrático.

Assim, os anos 80 do século XX foram marcados por discussões e propostas de mudanças. Resgatar o “real papel da história” passou a ser um trabalho necessário após tantos anos de tentativa de se “esconder” estes saberes.

É neste meio que surgem as novas propostas para o ensino de história. A preocupação dessas propostas foi em mudar as práticas de ensino, fazendo do aluno um ser crítico, capaz de questionar e de construir conhecimento juntamente com os professores dentro do processo de ensino-aprendizagem.

As disputas em torno do ensino de história a partir dos anos 1980 revelou uma década de tensões e criatividade. Os vícios do autoritarismo vão de encontro às transformações que exigem uma mudança de mentalidade. Procura-se dar voz aos excluídos. Tenta-se romper radicalmente com a forma tradicional de se ensinar História, buscaram-se novas fontes, novos materiais. As propostas expressaram sem dúvidas a necessidade de se trazer para discussão ações e sujeitos até então excluídos da História que se ensinava.

A escola deixou de ser apenas “um aparelho ideológico do Estado” e assumiu o papel de produtora do saberes. Alguns professores e alunos assumiram o trabalho pedagógico como reflexão. Mas, para isso, foi necessário que os currículos escolares estivessem sendo revistos, para que seu significado político e social deve atender as necessidades do cidadão.

Partindo desta realidade, não podemos esquecer que o trabalho voltado para o conhecimento histórico, para a crítica, o desenvolvimento e o debate tornou-se um desafio para professores e alunos que tentaram/tentam colocar-

se como sujeitos do processo de ensino. Essas alternativas de mudanças dependem muito da dedicação e do compromisso dos professores de História que estão, durante todo o tempo, deparando-se com situações e idéias que dão sentido às diferentes experiências históricas vividas pelo homem.

A partir dos anos 90 do século XX, as propostas curriculares apontam para um ensino livre de preocupações com a especialização profissional, mas com objetivo de desenvolver no aluno o pensamento crítico. Em 1992, o Senador Darcy Ribeiro apresentava um novo Projeto de Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que acabou aprovado em dezembro de 1996.

Porém, surgem questionamentos quanto ao distanciamento dos conteúdos de História em relação aos alunos. Estes não se reconhecem como sujeitos da história e não conseguem refletir historicamente a respeito, pois estão envolvidos por uma proposta de História que volta-se somente para o passado.

Aparece de encontro a este problema a queixa dos professores em relação ao tempo destinado às aulas de História, que é curto demais. Desta forma, o tempo era todo ocupado com explicações sobre o passado, deixando as questões presentes de lado.

[...] os problemas de aprendizagem têm gerado uma série de trabalhos cujo denominador comum é o fato de questionarem os métodos tradicionais de ensino e os currículos oficiais, em suma, a própria estruturação da escola. O modelo tradicional tem-se caracterizado pela transmissão de conhecimentos apresentados ao aluno como verdades inquestionáveis e pela hierarquização do saber do aluno e da sua realidade. Além disso, promove uma visão limitada do conhecimento, favorecendo a formação de mentes acríticas e passivas, meros repositórios de fatos e informações fragmentadas, contribuindo para uma concepção também acrítica da sociedade que passa a ser aceita, também, como pronta e acabada, portanto, não possível de ser transformada (CRUZ, 1996, p.69).

Entre as muitas propostas em busca de um outro ensino de História surgiram algumas em favor da introdução das problemáticas locais e regionais como possibilidade de aproximar os alunos da História. Em defesa da necessidade de produzirmos e ensinarmos conhecimentos locais e regionais. Piori (1999, p.608) aponta que “devemos acabar com aquela história homogênea,

unificadora, construtora de uma memória única para todo o Brasil, como se este fosse isento de diferenças entre regiões, entre estados e, inclusive, as diferenças entre regiões dentro do mesmo estado devem ser ressaltadas e estudado”.

Evidentemente, não se pretende acabar com a construção de uma identidade nacional. Pelo contrário, qualquer projeto de busca pela compreensão da memória nacional tem que considerar as diferenças regionais e locais. Assim, o que se quer é, justamente, destacar as diferenças locais e regionais, mostrando e valorizando não o que é genérico e sim o que é próprio, peculiar de cada local, possibilitando virem à tona os diferentes sujeitos com suas experiências, seus valores, crenças, seu modo de vida, enfim, com sua cultura. Ao trabalharmos dessa forma, a história local estaria sendo adotada como um “princípio metodológico capaz de aproximar o aluno de seu cotidiano da sua família, dos conhecidos enfim, da sua comunidade, pela possibilidade de identificação das características do processo histórico particular da comunidade” (MACHADO, 1999, p.214).

Outro aspecto que merece destaque, ao estudarmos o local e o regional, é a dimensão temporal, a qual teria papel decisivo na construção de uma:

[...] pedagogia da memória que faça frente aos problemas de desenraizamento falta de identidade e pluralidade cultural e racial que caracterizam as nossas escolas, a história local pode ter um papel decisivo na construção de memórias que se poderão inscrever no tempo longo, médio ou curto favorecendo uma melhor relação dos alunos com a multiplicidade de duração. Por outro lado, é mais fácil a identificação, que ajuda a construir uma identidade num espaço ou grupos mais limitados do que em situações especiais ou sociais mais altas que adquirem um caráter cada vez mais abstrato (MANIQUE; PROENÇA, 1994, p.21).

Porém, precisamos ter alguns cuidados para não construirmos uma visão fragmentada dos acontecimentos, impedindo assim uma visão crítica da existência social, tornando os grupos sociais impotentes diante das desigualdades regionais, pois esta visão fragmentada “esconde a dominação e os conflitos oriundos das estratégias capitalistas de organização espacial – espaços homogêneos” (MACHADO, 1999, p.13).

É possível perceber então, a fundamental importância da abordagem das Histórias Regionais e Locais em sala de aula. O estudo da história a partir

destas temáticas ajuda o aluno a melhor perceber sua história e conseqüentemente, a sua realidade, ou como ressalta CÉRRI (1996, p. 789), “ensinar a pensar e a agir na história, autonomizar para possibilitar a convivência em bases melhores”.

Assim sendo, o estudo das questões regionais e locais se faz fundamental para que os alunos possam compreender melhor as relações existentes entre a região onde vivem e o global, pois esta compreensão ajuda-lhes a refletir historicamente sobre os acontecimentos, lhes proporciona uma visão crítica sobre os fatos e assim, podem formar e transformar sua opinião.

Foi, portanto, esta a pretensão deste trabalho, saber o que os professores das escolas públicas e particulares de Chapecó estão trabalhando quando se trata das questões de História Regional e Local, se os seus alunos sentem-se instigados por esses assuntos e quais as dificuldades e as experiências desenvolvidas por esses professores.

O ensino de história local e regional na voz dos professores¹

Ensinar História para os alunos do Ensino Médio significa apresentar a estes possibilidades de pesquisa histórica escolar e bibliografias que os situem dentro de uma visão mais crítica sobre o contemporâneo, assim, podem desenvolver uma maior autonomia intelectual. É também objetivo do ensino da história a constituição de identidades, porém, surge aqui certa dificuldade, ou um desafio de entender as relações existentes entre local e mundial.

O ensino da história local trata das especificidades das localidades, tem uma grande importância, pois ele pode de diferentes formas apresentar aos alunos uma história que parta de um acontecimento ou de um cotidiano que eles conhecem empiricamente e, assim, estudar e relacionar os acontecimentos locais com os acontecimentos globais.

¹ As vezes trazidas para este artigo são de professores que consentiram na divulgação de suas características no momento da gravação das entrevistas. São os seguintes professores depoentes. Ademir, é graduado em História pela Unoesc Chapecó (1995). Possui especialização em História Regional pela Unochapecó. O depoimento foi coletado dia 08/09/2005 na escola Nelson Horostecki local de trabalho do professor. Anderson, atua nas escolas: Zélia Scharf e Marista São Francisco. O depoimento foi coletado no dia 14/07/2005. Lauci, graduado em História pela Unoesc Chapecó em 2001 e com especialização em Metodologia do Ensino pela Celler Faculdades. É professora nas escolas Pedro Maciel e Valesca Parisotto. O depoimento foi coletado dia 14/08/2005.

Trabalhar a história regional e local no Ensino Médio nos possibilita perceber que local e regional não são reflexos do nacional, ou como afirma AMADO (1990, p.8) “a historiografia nacional ressalta as semelhanças, o regional lida com as diferenças, a multiplicidade”. Portanto, entender a história regional é perceber que ela está diretamente ligada ao global, mas não é consequência dele. A história regional vai destacar as diferenças que existem dentro de um mesmo local, mostrando que cada região constitui-se de diferentes formas de cultura, valores dos quais decorrem forças globais e locais. Assim, Csmroff citado por FONSECA (1994, p.126), aponta que esta “história regional é melhor conceituada como o reflexo de uma dialética de articulações entre um sistema local e o contexto em que o mesmo se insere”.

Dentro destas propostas de ensino e após diversas transformações no sistema educacional brasileiro, surge a possibilidade de se trabalhar a História Regional e Local, que pretende aproximar o aluno de seu contexto histórico para que ele possa perceber-se como agente histórico. No entanto, essas transformações não ocorreram de forma pacífica.

Professores de diferentes escolas, que trabalham com diferentes materiais didáticos e que tiveram diferentes formações acadêmicas, foram ouvidos procurando apreender as especificidades em relação ao ensino de História existentes no município de Chapecó.

Estes professores, amparados nos PCN's ou na Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina, buscam trabalhar a história local e regional em suas aulas, no entanto, ainda existem professores que não adotaram esta forma de trabalho e continuam ligados ao ensino de história dividido em História Antiga, Moderna e Contemporânea, como aponta o depoente Lauci, “os professores de ensino médio da rede estadual, a grande maioria, ainda não trabalha com a proposta curricular, com uma visão de América para o mundo e sim estão trabalhando ainda toda uma revisão lá de Idade Antiga, Média, estão trabalhando dentro do positivismo”.

Mas esta realidade não é o resultado de um total, existem também professores que abordam assuntos regionais e locais em suas aulas, tentando transformar as formas de ensino e voltando-se para uma didática mais crítica da história.

Destacamos a importância de se ensinar a perceber a história em que

estamos incluídos, trabalhar o ocorrido partindo de um acontecimento local que nos levaria a uma série de conseqüências que se transformam nos grandes acontecimentos globais. Como defende o depoente Anderson “Dar uma ênfase também para as populações que viviam antes da vinda dos imigrantes, pras populações caboclas, pras populações indígenas”. Trabalhar o local e o regional é buscar, a partir dos fatos ou acontecimentos de um município, de uma dada região, uma explicação para o que acontece nacionalmente, pois pode ajudar os alunos a melhor compreenderem conjuntura e estrutura, muitas vezes tão difíceis. No momento em que o professor usa um acontecimento local, ele está falando de algo que todos conhecem ou ao menos já ouviram falar, assim, partindo do que já se sabe, o aluno pode ter uma compreensão mais ampla do assunto a ser trabalhado. No entanto, não podemos nos esquecer que o local pelo local não nos leva a lugar algum, e que ele só vai ter consistência se relacionado à contemporaneidade, como nos ensina a depoente Zilda,

que o local não fique só no local, eu acho que sempre tem que ir para lá e retornar, isso é uma coisa que eu procuro fazer, assim, só para dar um exemplo; primeira guerra mundial, [...], como era Chapecó naquela época? Chapecó mal existia, foi durante a primeira guerra que ele foi criado. Eu procuro fazer um pouquinho isso, não sei se é exatamente isso.

Podemos perceber que nas escolas de Chapecó existem especificidades em relação ao que se ensina dentro desta temática. Aqui precisamos considerar a formação inicial e continuada de cada um dos professores depoentes. Estes professores vêm o ensino cada um com um olhar, o que acarreta em formas diversificadas de ensinar. Cada professor é levado a ministrar suas aulas de acordo com aquilo que aprendeu durante sua graduação. Não estamos sendo deterministas, evidentemente, que, durante a carreira a forma de ensinar vai se transformando.

Evidência disso, é a forma como cada um deles aborda as questões regionais e locais dentro da sala de aula. Isso é demonstrado em suas falas. A esse respeito a depoente Renilda afirma que: “o ensino de história a nível local e regional é trabalhado principalmente ou essencialmente com o terceiro ano do Ensino Médio aonde se dá toda uma ênfase da importância de Santa

Catarina, da região oeste e do município de Chapecó onde eles estão inseridos”. Sobre a mesma temática, o professor Anderson nos coloca que trabalha

[...] não só a colonização, porque é um tema que a maior parte dos professores que trabalham com história regional, trabalha. Ocupação, urbanização, eu tenho procurado dar uma ênfase também para as populações que viviam antes da vinda dos imigrantes, para as populações caboclas, para as populações indígenas, e mesmo tenho voltado bastante para questão da pré-história regional.

Já a depoente Zilda, que tem um longo tempo de formação, a qual se deu de forma mais positivista, nos revela que “eu me formei em setenta e cinco, na verdade setenta e seis [...] a gente estava saindo de uma ditadura militar, era aquela história limpinha, eu digo uma história asséptica”.

Esses diferentes níveis de formação e de conhecimento mostram as pluralidades que podemos encontrar nas escolas públicas e particulares do município de Chapecó em relação ao ensino de história regional e local, pluralidades que enriquecem o ambiente escolar e nos permitem uma análise mais detalhada do que é o ensino de história realizado.

Cada professor trabalha a história regional a sua maneira, outorgando a ela diferentes pontos de abordagem, fazendo com que em cada escola, em cada sala de aula, os alunos a percebam de diversas maneiras. Cada um dá um enfoque diferente, faz sua explicação buscando argumentos diversificados conforme seu conhecimento e levando em conta também a proximidade que os alunos revelam ter com tais problemáticas.

Assim, pode-se perceber que ensinar histórias de regiões e histórias locais é importante para que os alunos entendam melhor o mundo em que vivem, possam perceber as relações entre os seres humanos, como elas acontecem e como podemos, através da história, entender melhor os homens e seus feitos através dos tempos.

Mas em algumas escolas ou para alguns professores, existe ainda a preocupação com os vestibulares, como os conteúdos a serem vencidos, dessa forma priorizam o trabalho com livros didáticos produzidos para atender tais necessidades (BITTENCOURT, 2004).

Porém, não é somente nos livros didáticos que os professores buscam

temas e assuntos para ensinar a história regional e local, inclusive, as histórias regionais e locais não estão presentes neles. A busca desse material didático vai além das bibliotecas das escolas e pode chegar até a universidade.

Partindo das propostas curriculares, que defendem um ensino voltado à formação do cidadão crítico e que buscam desenvolver uma sociedade sem exclusão, os professores vão em busca de outras fontes, de outras bibliografias, de meios audiovisuais que possam transformar o ensino de história numa tarefa instigante.

Assim, quando estes trabalham a história regional em suas aulas, tentam fazer com que os alunos identifiquem-se com ela, procuram mostrar quais as relações que podem existir entre a história que está no livro e a vida de cada um deles. Os alunos mostram-se, na maioria das vezes, entusiasmados em conhecer esta outra face da história, que lhes ensina a relacionar seu dia-a-dia com os acontecimentos mundiais.

Assim, ensinar o aluno a perceber a história global partindo dos acontecimentos locais pode, inúmeras vezes, auxiliá-lo na compreensão dos assuntos abordados. O que vem de encontro com os questionamentos a respeito do desinteresse dos alunos em relação às aulas de história. Quando o professor consegue cativar seus alunos com assuntos que lhe chamam a atenção, com temáticas que o fazem refletir e associar o seu dia-a-dia com os conteúdos escolares, os conteúdos tornam-se mais compreensíveis. Desta forma, os alunos passam a gostar de aprender história.

É o que nos garante o professor depoente Ademir. Quando questionado sobre qual a reação dos alunos ao estudarem a história local, ele afirma que, “eles gostam muito, até porque é uma coisa que está resgatando um pouquinho a história da família, de como eles vieram pra este local, são coisas que estão próximas. Não é tão... Digamos abstrato. Mas é uma coisa que está no dia-a-dia, que eles vivem, que eles convivem, que eles mantêm relações sociais”.

Outro exemplo é o que nos mostra o depoente Lauci, que ao ser igualmente questionado, diz:

A nossa experiência tem constatado que o aluno no primeiro momento se sente bastante surpreso porque ele não conhece a nossa história regional e quando você retrata muitas temáticas a nível internacional que tem influência na nossa região eles se mostram surpresos, ao mesmo tempo contentes, e rende, a temática da

história regional se você conseguir juntar o micro ao macro e fazer essa relação, passar pra ele a necessidade do saber não para o vestibular mas para eles compreenderem as situações sociais em que eles vivem, é bom de trabalhar, o que tu não pode é trabalhar ela isolada, aí ela perde totalmente o contexto.

Percebemos o quanto é importante, tanto para o aluno quanto para o professor, o conhecimento da história regional e ainda nessa perspectiva, RANZI (1999, p.153), escreve que:

Aposição da história no currículo do Ensino Médio brasileiro tem sofrido alterações ao longo do século XX. A última mudança está sendo sugerida pelas diretrizes curriculares nacionais para o Ensino Médio, que tem como novidade a reintrodução de outras disciplinas, como Sociologia e Filosofia na chamada área de humanas.

A introdução de assuntos que não estão nos livros didáticos ou que antes não eram abordados ganham agora um novo enfoque procurando levar ao aluno um conhecimento mais amplo das Ciências Humanas a fim de torná-lo um cidadão capaz de reconhecer as diferentes formas de dominação.

Mas, essa mudança não ocorre apenas em nível de disciplinas, mas sim em relação também ao que se ensina dentro de uma disciplina, é o caso, por exemplo, da História que passa a introduzir em seus conteúdos outras formas e abordagens. O depoente Anderson afirma que “para além do livro é que eu incluo as temáticas de história regional, não só de história regional, mas outras histórias, por exemplo, a história da infância e da juventude que os livros didáticos não contemplam e que eu incluo no meu currículo”.

Essas mudanças na forma de abordar os acontecimentos, partindo de um olhar mais peculiar ou próximo do cotidiano, ajuda o aluno a perceber-se como um ser integrante da história que aprende, faz com que ele sinta-se parte de um todo. Portanto, ensinar ao aluno uma história a qual ele possa identificar-se é indispensável, sem esquecer, é claro, de que ela deve sempre estar relacionada aos fatos presentes e passados, não deve aparecer nunca isolada, como afirma o depoente Lauci, “se você trabalhar o conteúdo estanque, só o regional, fica bastante complexo [...] você pode até ter atenção, agora compreender as relações aí fica mais difícil, você tem que relacionar”.

É possível perceber no aluno seu interesse por um trabalho voltado ao regional, pois está próximo e envolto em valores e cultura já bem conhecidos. Citando o professor depoente Ademir, “É a história viva, eles estão presenciando, eles estão inseridos dentro desse processo, das relações que são construídas, então, por isso que eles se identificam mais, é diferente.”

Nesta linha de raciocínio, pode-se perceber que:

A historiografia escolar tem-se limitado a transmitir uma memória nacional, apresentada como memória coletiva de todo o povo, mas que não passa da memória de suas elites. [...] de heróis, batalhas e tratados. [...] Qual será, pois o sentido da transmissão de uma memória oficial nacional, nas escolas dos nossos dias, onde coexistem culturas e raças tão diferentes? [...] Uma identidade constrói-se a partir do conhecimento da forma como os grupos sociais de pertença viveram e se organizaram no passado, [...] como se estruturaram para fazer face aos problemas do presente [...] pelo modo como este se prepara através da fixação de objetivos comuns. (MANIQUE E PROENÇA, 1994, p.24-29).

Nota-se aqui a necessidade de se difundir uma história regional, que se dedique a estudar e a preservar as características, as singularidades de cada local. Neste sentido, Janaína Amado defende que:

A historiografia nacional ressalta as semelhanças, a regional, lida com as diferenças, com a multiplicidade. [...] A historiografia regional tem ainda a capacidade de apresentar o concreto e o cotidiano, o ser humano historicamente determinado, de fazer a ponte entre o individual e o social. [...] Apesar de toda essa riqueza de possibilidades, a historiografia regional conhece algumas dificuldades específicas, em grande parte, decorrentes do tipo de relação mantido entre os centros hegemônicos do país, os pólos socioeconômicos e culturais, e as regiões periféricas, mais pobres, e de como as pessoas vivenciam e introjetam essas relações. [...] O tema história e região é não só importante, como extremamente interessante, podendo ser abordado por diversos ângulos (AMADO, 1990, p.4 -20).

Portanto, o estudo da história regional e local não deve limitar-se a bibliografias e explicações, existem outras fontes ainda não muito exploradas,

como os museus, as casas de cultura, os monumentos históricos, entre outros, que contribuem muito para que alunos e professores possam melhor compreender as especificidades de um local.

O CEOM - Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina-, vinculado a UNOCHAPECÓ, criado em 1986, é um importante local de pesquisa da história regional onde os professores podem, juntamente com seus alunos, pesquisar sobre as temáticas regional e local, sobre arqueologia do Oeste Catarinense, colonização entre outros assuntos ligados a história da região. Além de pesquisar os professores e alunos podem vir ao CEOM para diversas atividades de Educação Patrimonial.

Podemos citar também as Casas de Cultura, os Museus existentes nos municípios. Estes locais se constituem em importantes fontes de pesquisa da história local, além dos depoimentos orais que poderão ser realizados em qualquer local e com qualquer pessoa que tenha proximidade ou vivido aquilo que será trabalhado.

Em relação a estes instrumentos de pesquisa histórica e o acesso dos alunos a eles, o depoente Ademir diz que,

[...] nem todos têm acesso, ou foram visitar o CEOM, mas alguns deles já conhecem os objetos. O objetivo e o trabalho do Centro de Memórias do Oeste de Santa Catarina e, assim, também os que moram nos municípios ou que vieram de municípios vizinhos eles sempre têm as casas de cultura. E o objetivo hoje, do poder público municipal é dar sustentação a memória [...].

Em contrapartida, o depoente Lauci nos revela certa dificuldade dos alunos, ou da escola em relação ao acesso que se tem, “no Ensino Médio nós temos uma grande dificuldade que é a questão de duas aulas por semana, então, se torna praticamente impossível a visita ao CEOM, a maioria dos alunos não ouviu falar no CEOM”.

O distanciamento que existe entre as escolas públicas e o CEOM não é simples e envolve alguns fatores como a questão financeira dos alunos ou das escolas e também a distância física deste local, visto que as escolas estão espalhadas por toda a cidade e o Centro de Memória localiza-se distante da maioria delas.

Muitas vezes, professores e alunos não têm acesso a meios de transporte que possam levá-los ao CEOM, ou ainda, quando é caso daqueles que freqüentam o ensino noturno e mesmo no diurno, o tempo destinado às aulas de História é curto, então, esta visita acaba sendo deixada de lado.

Esta realidade expressa as dificuldades que a escola pública, seus professores e alunos enfrentam no dia-a-dia. Apesar de muitas coisas terem se transformado em relação ao ensino, não somente de história, mas como um todo, ainda existem deficiências que precisam ser revistas. É claro que não cabe ao ensino resolver as questões financeiras das escolas, porém, sua melhor estruturação pode melhorar o acesso de seus componentes ao conhecimento.

Considerações Finais

O trabalho com a História Regional e Local é muito importante para o melhoramento das condições de ensino e aprendizagem, mas ele revelou que existem ainda, e apesar de todas as mudanças no ensino, dificuldades em alguns pontos. É neste contexto que se insere o ensino de História regional e local no município de Chapecó. As experiências realizadas com esta temática têm demonstrado bons resultados na maioria das vezes. A realidade das escolas públicas e de suas bibliotecas muitas vezes fechadas prejudica o processo de ensino, mas não é capaz de eliminá-lo. Os trabalhos feitos dentro deste enfoque conseguem instigar a curiosidade dos alunos e levá-los a questionar sobre seu papel no contexto histórico em que vivem.

Porém, muitas dúvidas ainda não foram sanadas no diz respeito a relação existente entre escola/universidade e ensino/aprendizagem, e, se existe realmente este distanciamento entre a escola e a universidade, cabe questionarmo-nos: O que o ocasionou? O que tem sido feito para diminuí-lo? Qual o ponto de vista daqueles que fazem este ambiente?

Segundo MONTEIRO:

Estudos e pesquisas voltados para as questões relativas ao currículo têm se desenvolvido de forma significativa a partir das contribuições de autores que ao abordar as relações entre escola e cultura possibilitaram a melhor compreensão do papel desempenhado pela escola na produção da memória coletiva, das identidades sociais e da produção das relações de poder” (MONTEIRO, 1995).

Mas, de que forma isso pode chegar até a sala de aula? Está levando-se em conta que professores e alunos possuem visões de mundo e interesses distintos?

A autora defende ainda que, somente a aproximação dos conteúdos escolares com o conhecimento científico é insuficiente para que o aluno tenha uma melhor compreensão e aproximação com a História. A transposição didática não garante que o aluno desenvolva mais interesse pela disciplina, é necessário algo mais, a constituição de saberes escolares e que a educação escolar não pode se limitar a fazer seleções do que ensinar.

No entanto, para que os saberes sejam transmissíveis e assimiláveis, é necessário não somente a correlação dos conteúdos com o tempo presente e o cotidiano de cada região, mas também que o aluno sinta a necessidade de aprender.

E como desenvolver dentro das salas de aula, repletas de sujeitos com características próprias, o interesse por um assunto que está no livro e que ao mesmo tempo deve tornar-se algo em comum a todos? Quem pode responder a estes questionamentos? Os professores da universidade, que dominam o conhecimento científico? Os professores das escolas, que dominam os saberes escolares? Ou os próprios alunos?

Poderíamos responder a esta questão assinalando as três alternativas, pois, de forma alguma, elas deveriam andar separadas. Professores e alunos precisam interagir, conversar e questionar o que esta posto como válido e ensinável, para transformar. Além disso, é necessário que o professor deixe de ser o eterno transmissor e passe a trabalhar como um efetivo pesquisador de suas próprias práticas na sala de aula.

Como um professor de Ensino Médio pode trabalhar a História Regional e Local que estuda e que produz na universidade, se na maioria das vezes, essas duas instituições de ensino não se relacionam? Estas são indagações para as quais ainda não encontramos respostas e que ficam pendentes quem sabe novas pesquisas?

Referências

AMADO, Janaína. História e região: reconhecendo e construindo espaços. IN: SILVA, Marcos Antonio da. *República em Migalbas: história regional e local*. São Paulo: Marco Zero, 1990.

ANAIS DO SIMPÓSIO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA 20, 1999, Florianópolis. *História: Fronteiras*. São Paulo: Humanitas, 1999.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2005.

DIEHL, Astor Antonio. *Do método histórico*. 2. Ed. Passo Fundo: UPF - Universidade de Passo Fundo, 2001.

CAIMI, Flávia Eloísa. *Conversas e Controvérsias: O Ensino de História na Brasil (1980 – 1998)*. Passo Fundo: Editora da UPF, 2001.

CASTRO, Iná Elias de; CORRÊA, Roberto Lobato; GOMES, Paulo César da Costa. *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CÉRRI, Luis Fernando. Regionalismo e Ensino de História. IN: BITTENCOURT, Circe Maria (Org.). *Anais do 2º encontro perspectivas do ensino de história*. São Paulo: FEUSP, 1996.

CRUZ, Marília B. A. O ensino de História no contexto das transições paradigmáticas da História da Educação. In: NIKITTIUKI, Sônia (Org.) *Repensando o Ensino de História*. São Paulo: Cortez, 1996, p.67- 92.

FLORES, Maria Bernadete Ramos e SERPA, Êlio Cantalício. A Hermenêutica do vazio: fronteira, região e brasilidade na viagem do governador ao Oeste de Santa Catarina. IN: *Projeto História 18 – Espaço e Cultura*. São Paulo: Educ, 1999.

HAESBAERT, Rogério. *Rio Grande do Sul: latifúndio e identidade regional*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

FONSECA, Selva Guimarães. *Caminhos da História Ensinada*. 2. Ed. São Paulo: Papiros, 1994.

HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 2. Ed. Campinas: UNICAMP - Instituto de Estudos da Linguagem, 1992.

MACHADO, Ironita. A. P. O currículo de história. IN: DIEHL, Astor Antonio (org). *O livro didático e o currículo de história em transição*. Passo Fundo: EDIUPF, 1999, p. 214.

MANIQUE, Antonio Pedro; PROENÇA, Maria Cândida. *Didática da história: patrimônio e história local*. 1. Ed. Lisboa: Texto, 1994.

MARCON, Telmo. História Regional: uma experiência em construção IN: ZARTH, Paulo

Afonso (Coord.) *Anais do IV encontro de cientistas sociais sobre a problemática regional aportes para o futuro*. V. 1 Ijuí: Unijuí, 1996.

MARTINS, Paulo Henrique N. O Nordeste e a questão regional: os equívocos do debate. IN: SILVA, Marcos Antonio da. *República em Migalhas: história regional e local*. São Paulo: Marco Zero, 1990.

MATTOSE, José. A história regional e local. IN: *A escrita da história*. Lisboa: Editorial Estampa, 1988, p. 169-175.

OLIVEIRA, Céurio de. *Dicionário Cartográfico*. 2º Ed, IBGE, 1983.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Ensino de Quinta a Oitava Séries – Introdução. Brasília, 1998.

PAIM, Elison Antonio. *FALA PROFESSOR(A): O Ensino de História em Chapecó (1970-1990)*. Chapecó: Grifos, 1997.

PAIM, Elison Antonio. *Memórias e Experiências do Fazer-se Professor(a) de História*. Campinas:FE Unicamp, tese, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jathay, História, Região e Transformação Social. IN: SILVA, Marcos Antonio da. *República em Migalhas: história regional e local*. São Paulo: Marco Zero, 1990, p. 68 e 75.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral: a pesquisa como um experimento em igualdade. In: *Projeto História-no 14*. São Paulo: EDUC, 1997, p.7-24.

_____. O que faz a História Oral diferente. In: *Projeto História-n. 14*. São Paulo: EDUC, 1997, P. 25-39.

PRIORI, Ângelo. Desvendando as redes da memória local: ensino de história e vida cotidiana. IN; CHIMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene Rosa (Org). *Anais do III Encontro Perspectivas do Ensino de História*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

PROPOSTA CURRICULAR DO ESTADO DE SANTA CATARINA, Florianópolis: IOESC, 1998, p. 165.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: Ática, 1993, p. 182 a 196.

REIS, Carlos Eduardo dos. *História Social e Ensino*. Chapecó: Argos, 2001.

ROCHA, Ubiratan. Construindo a história a partir do imaginário do aluno. In: NIKITIUKI, Sônia (Org.) *Repensando o Ensino de História*. São Paulo: Cortez, 1996, p.46-66.

SAMUEL, Rafael. História Local e História Oral. IN: SILVA, Marcos Antonio e ANTONACCI, Maria Antonieta (Orgs.). *História em quadro negro: Escola, ensino e aprendizagem*. Revista Brasileira de História n° 19. São Paulo: Marco Zero/ANPUH, 1990, p. 221.

THOMPSON, Eduard Palmer. O Termo Ausente: experiência. In: *A Miséria da Teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p.180-201.

The regional and local history teaching in the high school: experiences and challenges

ABSTRACT

This article bases itself in research that search how the high school history teachers work with theirs students the regional and local problems. We based ourselves in the Curricular Propose of Santa Catarina state (Proposta Curricular da Secretaria Estadual de Educação do Estado de Santa Catarina), and in the National Curricular Plans (Planos Curriculares Nacionais), to the history teaching, that defends the importance of teaching Local and Regional History. The methodology that we used to collect information was based in the Oral History procedure; we worked with the history teachers statements. The experiences made with the regional and local history teaching in Chapecó city in the teachers' interpretations shows that the works made in the schools emphasizing the local and the regional wake up the students' curiosity and make them questioning about their paper in the historic context that they live in.

key words: Local History, Regional History, History Teaching.